



Parham, McPherson e Branham: A estranha relação do pentecostalismo com a Ku Klux Klan¹

Parham, McPherson and Branham: The strange relationship of Pentecostalism with the Ku Klux Klan

Tiago de Moraes Kieffer²

Oneide Bobsin³

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a estranha e complexa relação de lideranças pentecostais brancas com a Ku Klux Klan nos Estados Unidos da América, a partir da década de 1920. Para exemplificar, partiremos da trajetória e da relação com a Ku Klux Klan de Charles Fox Parham, considerado por muitos como o pai do pentecostalismo; Aimee Semple McPherson, considerada a mãe da Igreja do Evangelho Quadrangular e do *Angelus Temple*; e William Marrion Branham, considerado “O Profeta” e pai da *Igreja O Tabernáculo*. Buscamos identificar o porquê da aproximação dessas lideranças com o grupo de supremacistas brancos, além da questão óbvia do racismo. Serão abordados os desejos que esses personagens tinham em relação à nação americana, como o receio de que ela estava se corrompendo com os modernismos e se entregando ao comunismo. Este tipo de pesquisa contribui para uma análise mais ampla do pentecostalismo branco nos Estados Unidos da América e como ele se diferenciou daquele que tinha como liderança máxima William Seymour e sua missão da Rua Azusa.

Palavras-chave: Ku Klux Klan. Charles Fox Parham. Aimee Semple McPherson. William Marrion Branham.

Abstract: This article aims to analyze the strange and complex relationship between white Pentecostal leaders and the Ku Klux Klan in the United States of America from the 1920s onwards. To illustrate, we will start with the trajectory and relationship with the Ku Klux Klan of Charles Fox Parham, considered by many as the father of Pentecostalism; Aimee Semple McPherson, considered the mother of the Foursquare Gospel Church and the Angelus Temple; and William Marrion Branham, considered “The Prophet” and father of the Branham Tabernacle. We seek to identify why these leaders approached the group of white supremacists, beyond the obvious issue of racism. The desires these characters had in relation to the American nation, such as the fear that it was becoming corrupted by modernism and surrendering to communism, will be addressed. This type of research contributes to a broader analysis of white Pentecostalism in the United States of America and how it differed from those led by William Seymour and his Azusa Street Mission.

¹ Este artigo foi recebido em abril de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em outubro de 2024.

² Doutorando em Teologia pela Faculdades EST. Bolsista CAPES. E-mail: tiagodekieffer@gmail.com.

³ Doutor em Ciências Sociais. Professor na Faculdades EST. E-mail: obobsin@est.edu.br.



Keywords: Ku Klux Klan. Charles Fox Parham. Aimee Semple McPherson. William Marrion Branham.

Introdução

Já é ponto comum falarmos que o pentecostalismo é um movimento religioso marcado pela diversidade étnica e social. Não é à toa que as principais igrejas presentes nas periferias brasileiras são, certamente, pentecostais. O movimento pentecostal é, por excelência, um espaço da religião cristã que permite ao negro e ao pobre construir sua identidade e criarem práticas de resistência. Por mais que haja visões críticas, como a de Ricardo Mariano no texto "Crescimento Pentecostal: fatores internos"⁴, onde o autor defende que o crescimento do pentecostalismo se dá por meio da concentração de poder eclesiástico, da gestão empresarial das igrejas, do proselitismo eletrônico, da produção de pastores em larga escala, da continuidade do pentecostalismo com a religiosidade popular e da eficácia da oferta organizada de serviços mágicos, entendemos ainda que a presença do movimento pentecostal onde nenhuma outra igreja chega é, também, fator importante do seu crescimento entre as camadas populares.

Entendemos dessa maneira, pois foi esse o espírito encontrado no Movimento da Fé Apostólica da Rua Azusa, número 312. O início do pentecostalismo moderno teve como liderança um homem negro chamado William Seymour. Enquanto diversos setores dos Estados Unidos da América (EUA) insistiam na manutenção do racismo, mesmo após o fim da escravidão, William Seymour revolucionou o cenário religioso de seu tempo ao incluir em seu movimento homens brancos e negros.⁵ Afastando-se das opiniões racistas de seu mentor, Charles Fox Parham, Seymour ficou conhecido no mundo todo como o pai do pentecostalismo moderno. Por mais que o pentecostalismo no Brasil tenha chegado por homens brancos, foi entre negros que ele se desenvolveu e cresceu, de forma a ser a maior expressão evangélica do país. Evidentemente, grande parte da massa de pentecostais negros brasileiros foi composta por membros de religiões de matriz

⁴ MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*, ano 8, p. 68-95, dez. 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/. Acesso em: 22 abr. 2024..

⁵ SYNAN, Vinson; FOX JR., Charles R. *William J. Seymour: Pioneer of the Azusa Street Revival*. Alachua, FL: Bridge-Logos, 2012. p. 100.



africana e, ao ingressarem no pentecostalismo, apenas ressignificaram as qualidades que davam às suas entidades.⁶

No entanto, seríamos ingênuos se afirmássemos que o pentecostalismo ficou isento da reprodução de preconceitos. Ao analisarmos as origens do pentecostalismo norte-americano, perceberemos a relação desse movimento com a supremacia branca, como a Ku Klux Klan (KKK). Portanto, neste artigo, queremos iluminar esse fato trágico da história pentecostal ao analisarmos a relação de três lideranças pentecostais brancas com a KKK e os motivos, além do racismo, que levaram esses líderes a apoiarem ou serem apoiados por essa organização. Dessa forma, no primeiro tópico, explicaremos as diferenças básicas entre o que tem sido chamado de pentecostalismo negro e pentecostalismo branco. No segundo tópico, falaremos sobre a KKK em si. Após isso, abordaremos a relação de Charles Fox Parham, o primeiro dos líderes pentecostais, com a KKK. Seguiremos falando de Aimee McPherson, a mãe da Igreja do Evangelho Quadrangular, e os motivos que a levaram a apoiar a Klan. Por fim, comentaremos sobre William Marrion Branham, chamado por seus seguidores de O Profeta e fundador do Tabernáculo, e sua relação com a KKK.

Pentecostalismo Branco ou Pentecostalismo Negro

Quando falamos em pentecostalismo, na verdade, deveríamos estar falando em pentecostalismos. Em uma religiosidade tão atraente como o pentecostalismo, é fato que o movimento reproduziu preconceitos de sua época, mas também resistências inerentes ao período de suas origens. Logo, o pentecostalismo das primeiras gerações evidenciou uma luta entre brancos e negros, sendo possível falar em pentecostalismo branco e pentecostalismo negro. Costumamos enfatizar o pentecostalismo negro por conta de William Seymour e seu movimento de Azusa, que foi marcado pela diversidade étnica e social. Esse movimento foi um alívio para a população negra estadunidense, pois contribuiu na esperança da promessa divina de que os negros seriam libertos do racismo, em um país que havia sido fortemente marcado pela escravidão. Outros movimentos protestantes já haviam feito a crítica e estavam organizados por negros, como o movimento negro de santidade, do qual Seymour fazia parte. No entanto, foi com o pentecostalismo que elementos

⁶ SANTO, Claudinei Espírito. *Matrizes africanas e suas relações com as pequenas Igrejas Pentecostais*. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.



da religião branca foram unidos com elementos da cultura negra, compondo uma nova religiosidade, diferente de tudo o que já havia sido experimentado.⁷

Não é errado entender, portanto, que a cultura oral dos negros que vieram da África contribuiu para que o pentecostalismo negro fosse marcado por uma eclesiologia mais livre e espiritualista e menos acadêmica. Assim como nas culturas africanas, o pentecostalismo negro manteve a ênfase na dança, no ritmo e na adoração expressiva.⁸ Pela primeira vez, a partir de William Seymour, que era a liderança máxima do movimento, os negros estadunidenses não estavam apenas adaptando o pensamento branco à sua própria realidade ou utilizando-o como um pensamento alternativo, mas sim determinando os rumos de seu próprio movimento e apresentando para o mundo uma liderança negra protestante empoderada. É fato que a ideia central do pentecostalismo era criação de um branco, isto é, a da evidência do Batismo no Espírito Santo a partir das línguas espirituais. Esse branco era Charles Fox Parham, que ensinou a Seymour sobre o pensamento pentecostal em Houston, no Texas. No entanto, no pentecostalismo, Parham seria escanteado — em face de diversas polêmicas que trataremos neste texto — e a fama de líder pentecostal mundial seria exclusiva de William Seymour e do movimento de Azusa.⁹

Todavia, o pentecostalismo branco também teve força nos EUA e na forma como compreendemos a teologia pentecostal. Não podemos ser sensacionalistas e dizer que todo pentecostalismo feito por brancos era racista. No entanto, a necessidade de se fazer essa nomenclatura já demonstra que havia um distanciamento entre as duas perspectivas, branca e negra. Sem fazer juízo de valores, pois consideramos a cultura oral tão importante quanto a cultura letrada, o pentecostalismo branco da primeira geração foi mais marcado pela formulação teológica do que o pentecostalismo negro. Por exemplo, entre as três primeiras lideranças, que consideramos como centrais no início do movimento pentecostal, dois eram teólogos, a saber, Charles Fox Parham e William Durham. Ambas as lideranças confrontaram o Liberalismo Teológico do século XIX, ainda em vigor no século XX, e também estiveram na linha de frente contra o Fundamentalismo Teológico do século XX.¹⁰ Além disso, as duas lideranças entraram em conflito com Seymour.

⁷ MACROBERT, Iain. *The black roots and white racism of early pentecostalism in the USA*. 1. ed. Basingstoke, Hampshire: The Macmillan Press Ltd, 1988. p. 83-84.

⁸ MACROBERT, 1988, p.90-91.

⁹ MACROBERT, 1988, p. 47-48.

¹⁰ LEE, Chang-Soung. Two Theological Battle Lines of Early Pentecostal Leaders, Charles F. Parham and William H. Durham. *Journal of Youngsan*, v. 33, p. 71-98, 2015. p. 1.



Parham tinha como objetivo inicial controlar o ministério de Azusa, o que foi impedido por Seymour.¹¹ Durham modificou a doutrina inicial do movimento de santidade, que via o processo de salvação, santificação e empoderamento em três etapas, e buscou implementar esse pensamento em Azusa, o que também foi impedido.

Em 1911, William J. Seymour deixou Los Angeles para uma turnê de pregações, confiando a missão Azusa Street a dois jovens homens negros. Durante sua ausência, William H. Durham, um ex-batista que havia visitado a missão em 1907, chegou à cidade com sua família e cinco ajudantes, defendendo vigorosamente uma doutrina controversa que chamou de "A Obra Consumada do Calvário". Durham discordava da visão Wesleyana-Holiness de santificação como uma segunda obra de graça após a conversão, argumentando que a santificação ocorre simultaneamente à justificação, no momento da conversão. Durham pregou na Azusa Street, atraindo grandes multidões e dividindo o movimento pentecostal em Los Angeles. O caso foi tão polêmico que os curadores da Azusa contataram Seymour, que voltou a Los Angeles e descobriu que "um grupo de brancos de Chicago havia, na prática, tomado o controle da Missão Azusa para promover agressivamente uma visão divisiva". Seymour exigiu que Durham parasse de propagar seu ensino na Azusa. Durham recusou, e Seymour trancou as portas da missão contra ele.¹²

O pentecostalismo que estamos tratando neste trabalho refere-se ao pentecostalismo branco. Nomes como Charles Fox Parham, William Durham, W.F. Carothers, Aimee McPherson, William Marrion Branham, Oral Roberts, Jimmy Swaggart, Kenneth Hagin, entre outros, fazem parte deste grupo. Não há, como se pode verificar em uma pesquisa mínima da teologia de cada um desses líderes, uma homogeneidade de ideias entre os pentecostais brancos. No entanto, no que diz respeito a Charles Fox Parham, Aimee McPherson e William Marrion Branham, existe uma relação complexa e peculiar com outro movimento estadunidense, marcado pela segregação racial, chamado de KKK, sobre o qual discutiremos na próxima seção.

A Ku Klux Klan

O senso de pertencimento que unia os estadunidenses após a independência dos EUA (1783) não foi suficiente para impedir a principal guerra interna da história do país: a Guerra Civil Americana, ou Guerra da Secessão, ocorrida entre 1861 e 1865. Opostos pela visão acerca da manutenção da escravidão, o Norte dos EUA mantinha o sistema de trabalho livre, por meio de indústrias, e, apesar de o racismo também ser uma realidade, a escravidão não existia neste

¹¹ GOFF, James. *Fields White Unto Harvest: Charles F. Parham and the Missionary Origins of Pentecostalism*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1988. p. 143.

¹² MACROBERT, 1988, p. 63.



território. Por outro lado, o Sul dos EUA, agroexportador, tinha como principal sistema de trabalho a escravidão. David Atchison, ativo no Congresso Nacional dos EUA, foi o proponente da lei Kansas-Nebraska (1854), que propunha que novos governos territoriais deveriam manter a escravidão. O debate envolvendo a abolição ou não da escravidão nos EUA chegou ao ponto de abolicionistas se armarem, escravistas comprarem votos e o ambiente do Sul ficar em um clima tenso, pronto para uma guerra.¹³

O ápice do conflito veio com a vitória de Abraham Lincoln, um defensor do abolicionismo, nas eleições federais de 1860. Com receio da separação dos estados escravistas, Lincoln manteve uma posição neutra, não se posicionando totalmente a favor ou contra o abolicionismo. No entanto, os escravistas do Sul fortaleceram a ideia de separação e expansão da escravidão para novos territórios. O primeiro estado a iniciar a separação foi a Carolina do Sul, seguido por Alabama, Flórida, Mississippi, Geórgia e Texas. Esses estados formaram os Estados Confederados da América, separados do restante dos EUA. Assim, em 1861, iniciou-se uma guerra entre os Estados Confederados e a União. Durante o conflito, Lincoln tomou medidas para acabar com a escravidão nos estados que não haviam se separado e agiu contra jornais e indivíduos que eram contra a União e que não apoiavam o Norte no conflito.¹⁴

A guerra contribuiu para que muitos escravizados fugissem das fazendas onde trabalhavam e migrassem para o Norte. Outros viam nas leis de Lincoln um argumento para que lutassem e se levantassem contra seus senhores. A guerra custou ao Sul a destruição de fazendas, gastos econômicos pela falta de exportação de seus produtos para o restante dos EUA, além de milhares de vidas perdidas entre os soldados que eram contra a União.¹⁵ Nem todos que se levantaram a favor do Sul entendiam pelo que estavam lutando e, mais do que pela manutenção da escravidão, lutavam pela independência de seu território. De qualquer forma, em 1863, a guerra teve fim, levando à vitória do Norte.

A derrota na Guerra Civil Americana gerou ressentimentos em muitos moradores do Sul dos EUA. A KKK foi uma das diversas reações que surgiram contra os resultados da guerra. Na cidade de Pulaski, no Tennessee, seis oficiais do exército Confederado se uniram em uma espécie de grupo

¹³ KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 130.

¹⁴ KARNAL, 2007, p.134.

¹⁵ KARNAL, 2007, p. 136.



privado em 1865. O grupo era formado por homens que eram racistas, a favor da escravidão e favoráveis à separação dos Confederados. Em pouco tempo, o grupo passou a ter membros de toda a região Sul e Sudeste dos EUA. Em 1867, em Nashville, esses membros formalizaram o seu programa e iniciaram o grupo de forma oficial, tendo como líder Nathan Bedford Forrest. A expressão “Ku Klux” vem do grego “círculo”, juntamente com o termo “klan”. No entanto, a Klan não se resumia a ser uma instituição supremacista branca com o interesse de retomar a escravidão, mas também era contra chineses, judeus e brancos liberais. Dizia-se ser uma defensora da moral, da honra e dos bons costumes cristãos.¹⁶

Os membros da Klan vestiam-se de capuzes brancos, simbolizando os homens mortos, e, portanto, fantasmas, que haviam morrido durante a Guerra da Secessão¹⁷. A KKK era formada exclusivamente por cristãos protestantes, apoiada pela população pobre e por políticos em atividade. Os membros da Klan, em diversas partes dos EUA, causavam terror ao invadir casas de negros, acender cruzeiros em chamas nas cidades, realizar marchas com bandeiras e, no extremo de suas atividades, serem responsáveis por atos violentos que tinham como vítimas membros das comunidades contra as quais a Klan se posicionava, principalmente a população negra. Inúmeras lendas foram criadas em torno das atividades da Klan, como reuniões subterrâneas, bandeiras com caveiras e rituais macabros. Isso, evidentemente, aumentava o poder da Klan e o medo que ela causava na sociedade. No entanto, para além das lendas, o fato é que a KKK era uma instituição que se dizia conservadora, do ponto de vista dos Confederados, que buscava a preservação da ordem social tradicional, com os brancos no topo da hierarquia social e, com isso, resistia às mudanças na sociedade que ameaçavam a estrutura de poder estabelecida.¹⁸

Por conta da vitória do Norte na Guerra Civil Americana, a Klan aos poucos foi sendo vista como um poder alternativo e questionador da ordem, do ponto de vista da União. As leis *Enforcement Acts* de 1870-71 previam que os negros poderiam votar e teriam seus direitos garantidos. Logo, a KKK passou a ser fiscalizada pelo governo e, a partir disso, reprimida. A sociedade anti-escravista também condenava as ações da Klan, o que fortalecia a ideia de que as mesmas tivessem

¹⁶ POGGI, Tatiana. *Faces do extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América (1970-2010)*. 2012. 437 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012, p. 87-88.

¹⁷ KARNAL, 2007, p. 146.

¹⁸ WADE, Wyn Craig. *The Fiery Cross: The Ku Klux Klan in America*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 17-19.



suas ações diminuídas. Por fim, disputas internas da própria KKK para decidir o futuro que ela teria e como seriam administradas as suas ações enfraqueceram o grupo. Dessa forma, na década de 1870, a primeira fase da KKK teve fim. Após essa primeira fase, a KKK teve mais duas fases principais. Uma delas se iniciou em 1915, na Geórgia, por meio da figura de William J. Simmons. Essa foi a fase de maior crescimento da Klan, pois se espalhou por todo os EUA. Uma última fase do movimento ocorreu entre as décadas de 1950 e 1970.¹⁹

A Klan da década de 1920 é a que nos interessa neste texto, apesar de que, quando trabalharmos com William Marrion Branham, precisaremos pincelar as características do grupo durante a década de 1950. No artigo "Cross and Flag", de G. Blood Forsell²⁰, há a informação de que a KKK via a nação como uma entidade criada por Deus e que deveria existir para a defesa da raça contra as ameaças que ela sofria, representadas por católicos e afro-americanos. Para os membros da Klan, o protestantismo satisfaria as necessidades espirituais da sociedade estadunidense e lhes garantiria o sucesso civilizacional. A Klan afirmava que as distinções raciais eram um projeto de Deus e que a renovação espiritual da América deveria ser a de um país habitado somente por brancos e protestantes.

Não é difícil supor, infelizmente, que poderia existir uma proximidade do pentecostalismo branco com a KKK. Portanto, como veremos, figuras que defendiam a moralidade dos EUA e que se alinhavam às pautas dos fundamentalistas protestantes — apesar de serem evitados por eles — viam a KKK como uma esperança próxima ou distante para um EUA que estava se corrompendo com os modernismos. Foram os casos dos personagens escolhidos para análise neste artigo, isto é, Charles Fox Parham, Aimee McPherson e William Marrion Branham. Harold Hunter, no artigo "The Limited Impact of Pentecostal Interracialism on Systemic Racism in the USA"²¹, defende que não houve por parte dos pentecostais brancos um esforço para lidar com o problema do racismo, principalmente na primeira geração. Na próxima seção, analisaremos isso na prática.

¹⁹ WADE, 1998, p.144-145.

²⁰ FORSELL, G. Blood. Cross and Flag: The Influence of Race on Ku Klux Klan Theology in the 1920s. *Politics, Religion & Ideology*, v. 21, n. 3, p. 269-287, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21567689.2020.1809384>. Acesso em: 16 mai. 2024. p. 3.

²¹ HUNTER, Harold D. The Limited Impact of Pentecostal Interracialism on Systemic Racism in the USA. *Spiritus*, v. 6, n. 1, p. 123-140, 2021. Disponível em: <http://digitalshowcase.oru.edu/spiritus/>. Acesso em: 16 abr. 2024. p. 125.



Charles Fox Parham

Charles Fox Parham é conhecido como o pastor que, a partir da Escola Bíblica Betel, na cidade de Topeka, Kansas, iniciou o pentecostalismo moderno em 1901. Atualizando a clássica visão do movimento de santidade, relacionada ao Batismo com o Espírito Santo, Parham defendia que a evidência desse evento eram as línguas estranhas. Inicialmente, as línguas eram idiomáticas, a *xenolalia*, que posteriormente seriam substituídas por línguas que não existiam na realidade humana, a *glossolalia*. Essas línguas serviriam para ajudar o crente a evangelizar o mundo, diferentemente da visão original que previa apenas a santificação do indivíduo batizado. Seu movimento era chamado de Fé Apostólica e seria a base de movimentos posteriores que enfatizariam a mesma doutrina pentecostal.²² No entanto, mesmo sendo a figura inicial de um movimento tão gigantesco como o pentecostalismo, sua influência seria ocultada por conta de escândalos envolvendo homossexualidade, doutrinas estranhas e, o que interessa para o nosso artigo, o racismo e a relação amigável com a KKK.

Parham não era necessariamente um homem do Sul dos EUA. Sua referência era o Centro-Oeste estadunidense. O pai do pentecostalismo branco nasceu em Muscatine, no estado de Iowa, e desenvolveu sua teologia em Topeka, Kansas. Quando Parham nasceu em 1873, a Klan já havia se dissolvido há pelo menos dois anos e, como a primeira fase da KKK era mais restrita ao Sul, a família de Parham não teve ligações com esse movimento em um primeiro momento. O Kansas, para onde a família Parham se mudou a partir de 1878, havia sido palco de guerras durante a Guerra Civil Americana e de conflitos entre os *Cheyennes*, tribo nativa caçadora de búfalos, e os colonos que eram usados na expansão do território para o Oeste. Esses conflitos não impediram que leis como a de Preempção de 1861 e a Lei *Homestead* de 1862 contribuíssem para a expansão do território e para que ele se tornasse atrativo para novos colonos. Um desses colonos foi William Parham, pai de Charles Fox Parham, que enriqueceu no estado com o chamado boom agrícola do final da década de 1870.²³

O Centro-Oeste dos EUA era aberto a novas ideias, sejam elas religiosas ou políticas, o que ia de encontro ao conservadorismo pregado pela Klan. No entanto, foi também no Centro-Oeste

²² GOFF, 1988, p. 19.

²³ GOFF, 1988, p. 36.



que surgiram ideias do Partido Populista, representando os colonos e agricultores ressentidos com os rumos que os EUA estavam tomando. Por exemplo, na década seguinte ao boom agrícola, a queda da agricultura no Kansas foi tão grande quanto seu crescimento anterior.²⁴ Somado às questões naturais que prejudicaram a colheita, os EUA passaram por um processo de industrialização que causou o aumento dos preços das terras e das tarifas ferroviárias, reduziu os preços das colheitas, contribuiu para o aumento das dívidas e para a perda de propriedades. Os agricultores, evidentemente, perceberam que, enquanto os EUA cresciam, eles perdiam espaço para a industrialização. Dessa forma, acusavam as grandes corporações industriais de trazerem ideologias estrangeiras contrárias à simplicidade que havia construído a nação norte-americana.²⁵

Nesse cenário, começaram a surgir no Centro-Oeste estadunidense grupos formados por trabalhadores que tinham como plano de fundo a luta contra o avanço industrial. Em 1867, surgiu a *Patrons of Husbandry*, que deu origem ao Partido Populista, organizado em 1892. Os populistas lutavam a favor da democracia, que, segundo eles, havia se perdido com os partidos republicano e democrata. Em sua plataforma também havia a defesa dos fracos que sofriam nas mãos dos ricos e a promoção da eleição de reformadores puros e não corrompidos. Os populistas, em sua maioria protestantes, também criticavam a religião estabelecida. Entre seus apoiadores estavam aqueles que eram contra as tendências contemporâneas estadunidenses e que entendiam que os EUA estavam perdendo seu status de nação.²⁶

O populismo estadunidense curiosamente era contra o alcoolismo, tendo representantes como Jeremiah Dunham Botkin no Congresso Nacional, que defendia a ideia da Lei Seca já em 1896.²⁷ A curiosa Carrie Nation, conhecida por invadir locais que vendiam bebida alcoólica, é chamada por alguns de populista progressista. Essas ideias de corrupção da nação do partido que influenciou o estado onde Parham cresceu e desenvolveu sua teologia alinhavam-se com as propostas da KKK de moralização da nação. Além disso, Brent M.S. Campney relata que houve uma aproximação do Partido Populista com os Republicanos, o que gerou críticas entre membros

²⁴ GOFF, 1988, p. 38.

²⁵ ROOT, Jonathan B. *A People's Religion: The Populist Impulse in Early Kansas Pentecostalism, 1901-1904*. 2009. Tese (Mestrado em Artes) - Department of History, College of Arts and Sciences, Kansas State University, Manhattan, Kansas, 2009, p. 20.

²⁶ ROOT, 2009, p. 21.

²⁷ ROOT, 2009, p. 45.



da população negra. Segundo Campney, “O jornal *Salina Republican*, predominantemente branco, ridicularizou a ideia de um populista negro, declarando que 'a combinação não é possível’”.²⁸

Muitas dessas ideias contra a corrupção dos ideais da nação estão presentes nos escritos de Charles Fox Parham. A ideia da lei seca, de um EUA corrompido e de religiões vendidas ao modernismo aparecem nos principais escritos de Parham.²⁹ Se o cenário político influenciou a aproximação de Parham com as ideias da Klan, o cenário social não foi diferente. Após Parham desenvolver sua teologia do Batismo no Espírito Santo em Topeka, Kansas, seu ministério foi expandido para outros lugares como Houston, Texas. Nesse contexto, ele encontrou William Seymour, que levaria sua mensagem para Azusa. No entanto, o encontro entre as duas lideranças não foi, de forma alguma, isento de controvérsias. Por conta das leis Jim Crow, Seymour precisou estudar da porta da sala de aula de Parham, haja vista a proibição de que negros frequentassem o mesmo espaço dos brancos.³⁰

As leis Jim Crow, vigentes de 1877 a 1964 nos antigos estados confederados, estabeleciam a separação dos espaços entre brancos e negros. A expressão "Jim Crow" veio do personagem de Thomas Rice, representado por meio do *blackface*, em sátira aos homens negros durante a década de 1830.³¹ Parham nunca se recusou a apresentar os princípios pentecostais para a população negra, mas também não tomou nenhuma ação para contrariar as leis de segregação racial.³² Outros personagens da época de Parham poderiam não ir contra as leis de sua época por serem favoráveis ao discurso de obediência às leis dos homens. Todavia, Parham, em nenhum momento, se preocupou em seguir as leis dos homens quando essas eram contrárias à lei de Deus, o que demonstra que ele era conivente com o racismo das leis Jim Crow. Parham também fazia vista grossa com lideranças pentecostais tão racistas quanto ele, como W.F. Carothers³³, e mantinha uma postura de tentativa de paternalismo com a missão de Azusa, que foi recusada por William Seymour.³⁴

²⁸ CAMPNEY, Brent M. S. *This is not Dixie: racist violence in Kansas, 1861–1927*. Urbana: University of Illinois Press, 2015. p. 104.

²⁹ GOFF, 1988, p. 257.

³⁰ SYNAN & FOX JR, 2012, p. 29.

³¹ FREMON, David K. *The Jim Crow Laws and Racism in American History*. Berkeley Heights, NJ: Enslow Publishers, 2000. p. 27.

³² GOFF, 1988. A afirmação se dá a partir da síntese do livro.

³³ GOFF, 1988, p. 137-140.

³⁴ SYNAN & FOX, 2012, p. 76-78.



Parham também era racista em suas interpretações teológicas. Como exemplo, ele era contra o casamento interracial, alegando que isso causaria problemas genéticos graves.³⁵ Portanto, não nos surpreende que, na ocasião do renascimento da KKK na década de 1920, Parham mantivesse uma atitude amistosa com o grupo. Goff escreve o seguinte:

Na década de 1920, Parham temperou ainda mais suas visões anti-establishment. Preocupado com a anarquia que parecia permear os Estados Unidos após a guerra, ele se tornou cada vez mais crítico da ideologia radical. Já endurecido na questão da corrida por sua experiência em Azusa em 1906, Parham não sentiu escrúpulos em elogiar a reorganizada Ku Klux Klan. A relação era ironicamente semelhante à que ele mantinha com o socialismo uma década antes. Parham admirava muitos líderes da Klan, mas considerava seus esforços infrutíferos, pois não tinham uma agenda puramente espiritual. Ele fez um apelo em 1927 a todos os membros do “império invisível” para coordenar seus “elevados ideais para a melhoria da humanidade” com a genuína restauração pentecostal da “religião dos velhos tempos”.³⁶

Larry Martin oferece uma análise mais completa em sua biografia de Parham, esclarecendo que, embora não houvesse participação direta de Parham na KKK, ele nutria simpatia pela organização.³⁷ Na década de 1920, Parham utilizou as siglas KKK para ressignificar palavras em seus anúncios, transformando "Convincing", "Convicting" e "Converting" em "Konvincing", "Konvicting" e "Konverting".³⁸ Em um sermão de 1925, quando questionado sobre as vestimentas da Klan, Parham respondeu com deboche, sugerindo que as perguntas deveriam ser feitas às esposas dos membros, pois, como as reuniões começavam às 2 horas da manhã, eles acabavam usando lençóis e fronhas por falta de acesso às roupas escondidas. Nesse mesmo sermão, Parham fez uma leve crítica à KKK, comentando que alguns membros assustavam os judeus e sugerindo ironicamente que a organização deveria usar formaldeído para conter seu crescimento. Martin reflete sobre uma omissão significativa de Parham: “É difícil não notar que Parham, ao dizer que o Klan assustava os judeus, falhou em mencionar o medo entre os negros, que eram o principal objeto do ódio do Klan. O que, exceto preconceito, faria com que isso escapasse de sua atenção e menção?”³⁹

Outra situação que ilustra a relação de Parham com a KKK ocorreu em 1927, quando a organização ofereceu ajuda para um comício realizado em Alma, Michigan. Após receber

³⁵ PARHAM, Charles Fox. *A Voice Crying in The Wilderness*. Missouri: Joplin Printing Cooperation, 1910. p. 102.

³⁶ GOFF, 1988, p. 198.

³⁷ MARTIN, Larry. *Charles Fox Parham: The Unlikely Father of Modern Pentecostalism*. Whitaker House, 2022. p. 213.

³⁸ MARTIN, 2022, p. 213.

³⁹ MARTIN, 2022, p.213.

patrocínio para discursar nessa cidade, Parham foi convidado para palestrar em um evento organizado pela KKK em Saginaw, Michigan. Diferentemente de James Goff, que dedicou apenas um parágrafo à ligação de Parham com a KKK⁴⁰, Larry Martin expõe que, nos documentos deixados por Parham aos seus filhos, havia panfletos da Klan que defendiam a América Cristã e o pensamento contrário ao casamento interracial, posições que Parham também defendia em seus escritos teológicos. Historiadores como Eddie e Susan Hyatt tentam minimizar a relação de Parham com a KKK, argumentando que a Klan não explicitava seus desejos racistas, mas apenas sua visão de moralização da sociedade, o que teria feito Parham abraçar o apoio à organização.⁴¹

Com as fontes e relatos disponíveis, não podemos mais negar que Parham teve simpatia pela KKK. No entanto, não é possível afirmar que o pentecostalismo é racista simplesmente porque foi iniciado por um homem racista, pois, caso contrário, diríamos o mesmo de diversos outros movimentos que tiveram líderes antissemitas, machistas, homofóbicos e favoráveis a todo tipo de discriminação, inerentes à sua época. Felizmente, o pentecostalismo teve uma renovação já na primeira geração com a figura de William Seymour. Historiadores pentecostais como Leonard Lovett definem que o verdadeiro pentecostalismo é marcado pela relação interracial e não pelo racismo. Essa explicação baseia-se no sentimento de Atos 2, que, segundo ele, representava a "Diversidade na Unidade", algo que só foi visto na Rua Azusa e não em Topeka, Kansas.⁴² Parham certamente ficaria incomodado com os caminhos que o pentecostalismo tomou no Brasil, visto que se converteu em uma religião majoritariamente negra, diferentemente dos pensamentos originais que se tinha em relação ao movimento.

Aimee Mc Pherson

A relação de Aimee Semple McPherson com a KKK é mais complexa do que a de Parham com a organização. A fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular e do Angelus Temple, Aimee nasceu como Aimee Elizabeth Kennedy em 1890, décadas após a dissolução da primeira Klan. Canadense de nascimento, ela se casou com Robert James Semple em 1908, em uma

⁴⁰ GOFF, 1988.

⁴¹ MARTIN, 2022, p. 216.

⁴² LEE, Chang-Soung. Who is the Father of Pentecostal Movement? *Journal of Youngsian Theology*, v. 43, p. 303-354, 2018. p. 14.



cerimônia do Exército de Salvação. Com seu esposo, fundou uma igreja em Londres e, em 1909, foram para Chicago, onde conheceram William Durham. Com Durham, viajaram pelos EUA e Canadá pregando sobre a fé pentecostal, o que impulsionou o casal a se mudar para a China em 1910. Na China, Robert Semple faleceu de malária, deixando Aimee grávida. Após o nascimento de sua filha, Aimee retornou sozinha para os EUA, estabelecendo-se em Nova York, onde se casou com Harold Stewart McPherson em 1911. Com a ajuda do novo marido, Aimee começou a organizar tendas evangelísticas, agora como líder e não apenas seguindo William Durham. Ela também iniciou a publicação de "The Bridal Call", uma revista mensal que expressava suas opiniões e coletava seguidores para seu trabalho.⁴³

As *Assembly of God* (AG) ordenaram Aimee Semple McPherson como evangelista em 1919. Até 1922, ela esteve sob a orientação das AG, mas, por conta de seu divórcio de Harold McPherson em 1921 e do sucesso da construção de um templo gigantesco que se tornaria a base de seu ministério, decidiu se desligar dessa instituição ainda em 1921. Mesmo enquanto estava ligada às AGs, Aimee pregava em inúmeras instituições pelos EUA e também atraía pessoas de diversas denominações. O *Templo Angelus* foi concebido como um local de evangelização sem denominação específica. A evangelista integrava em suas pregações a ideia do Evangelho Quadrangular, onde Jesus salva, batiza, cura e em breve voltará, baseando-se no texto de Ezequiel 1:4-10. Esse conceito se tornou o nome das igrejas que seriam criadas a partir da influência de Aimee Semple McPherson, tendo sempre como sede o *Templo Angelus*. O que cativou as massas em torno de Aimee, além da ênfase na mensagem pentecostal, foi a sua estética em roupas litúrgicas, modernas para a época, e sua aproximação com as classes mais baixas, independente do credo. Aimee se posicionava fortemente em favor de salários mais altos, maiores benefícios para a classe policial e contra o crime organizado.⁴⁴

Aimee Semple McPherson era, portanto, uma mulher à frente de seu tempo e um exemplo para a história das mulheres na religião. No entanto, ao explorarmos mais a fundo a influência desta figura pentecostal na história dos EUA, veremos que seu impacto não se limitava apenas à esfera religiosa, mas também estava ligado ao patriotismo estadunidense. Matthew Avery Sutton ilustra

⁴³ BURGESS, Stanley M. (Ed.); VAN DER MAAS, Eduard M. (Assoc. Ed.). *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Edição revista e ampliada. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2001. p. 2040-2046.

⁴⁴ BURGESS, 2011, p. 2040-2046.



isso ao descrever uma encenação protagonizada por Aimee. Segundo o autor, em 1934, no Auditório Shrine, em Los Angeles, Aimee produziu uma espécie de teatro simbolizando a chegada dos Peregrinos aos EUA, com o objetivo de enfatizar as raízes conservadoras da nação. O enredo da peça mostrava como as gerações se afastaram dos fundamentos cristãos iniciais ao remover a Bíblia das escolas e aceitar a teoria da evolução. Os inimigos na peça eram os comunistas, que eram capturados e vencidos pelo Tio Sam. Essas reivindicações não são muito diferentes daquelas defendidas pela Klan, levantando questionamentos sobre as semelhanças nas narrativas.⁴⁵

O leitor precisa entender que o apoio de líderes protestantes e pentecostais à Klan não se baseava necessariamente nas questões de supremacia branca, mas também na necessidade de converter a nação aos valores que esses líderes acreditavam terem sido perdidos. É importante reconhecer também que a relação com a Klan pode derivar tanto da visão da própria liderança pentecostal, que via na organização uma defesa da nação, quanto da organização, que via no líder pentecostal um representante desses interesses. Aimee Semple McPherson encontra-se nesse meio termo interpretativo, pois, enquanto era uma pregadora que participava de reuniões interracialiais, também recebia o apoio da Klan por se posicionar contra as tendências consideradas não-americanas.

Sutton argumenta que a relação de Aimee com a KKK era conveniente, isto é, quando ela precisava do apoio da Klan, apoiava a organização, mas quando não lhe era mais interessante, distanciava-se do grupo. Por exemplo, em maio de 1926, Aimee desapareceu e reapareceu somente um mês depois, alegando ter sido sequestrada e mantida em cativeiro no México por um casal. Esse incidente gerou rumores sobre a reputação de Aimee, incluindo especulações de natureza sexual, pois muitos afirmavam que ela havia desaparecido para se encontrar com um amante. A repercussão foi tão grande que se transformou em um caso jurídico. Nesse cenário, Aimee recebeu telegramas e cartas de apoio da KKK. Em uma festa de fim de ano, Aimee recebeu cartas pessoalmente de membros da KKK, que afirmavam sempre ter recebido uma "cooperação calorosa" da organização.⁴⁶

⁴⁵ SUTTON, Matthew Avery. *Aimee Semple McPherson and the Resurrection of Christian America*. Cambridge: Harvard University Press, 2009. p. 1-3.

⁴⁶ SUTTON, 2009, p. 133.



Edith Blumhofer relata que, durante a década de 1920, segundo o *Denver Post*, Aimee Semple McPherson foi sequestrada por membros da KKK. Na ocasião, havia dois homens encapuzados no banco traseiro e dois na frente. Ao chegarem ao local para onde estavam levando Aimee, houve a recitação do credo da Klan, que enfatizava o respeito às mulheres e a supremacia da raça branca. Durante a recitação do credo, Aimee estava vendada. Após recitarem o credo, retiraram sua venda e os membros da Klan afirmaram que admiravam seu trabalho. Em seguida, Aimee discursou para eles sobre Barrabás e a necessidade de se viver uma vida justa. Ao levá-la de volta para casa, entregaram-lhe uma bolsa cheia de dinheiro, como um presente para os seus filhos. É impossível afirmar se essa história é verdadeira ou se é apenas uma lenda em torno da relação de Aimee com a KKK. O fato é que a relação de Aimee com a Klan estava muito mais relacionada à defesa dos valores estadunidenses do que necessariamente a um orgulho pela raça branca.⁴⁷ De qualquer forma, percebe-se que a relação dela com a KKK foi muito mais explícita do que a de Parham, uma vez que membros da Klan frequentemente estiveram no *Temple Angelus* e patrocinaram o ministério de Aimee Semple McPherson.

Willian Marrion Branham

William Marrion Branham, o mais recente dos pentecostais analisados que tiveram algum tipo de contato com a KKK, nasceu em 1909, em Kentucky. Seus relatos de curas e visões remontam à infância, mas foi a partir de 1933 que ele começou a pregar para multidões e estabeleceu seu ministério no Tabernáculo Branham. Branham pregava sobre o batismo em nome de Jesus somente, afirmava que o pecado entrou na terra por meio da relação sexual de Adão com a serpente e se considerava o anjo mencionado em Apocalipse 3:14 e 10:7. Após sua morte na década de 1960, muitos de seus seguidores acreditavam que ele ressuscitaria, assim como Jesus. A imagem mais conhecida de Branham é aquela em que ele está pregando com uma luz sobre sua cabeça, interpretada por seus seguidores como a manifestação do Espírito Santo. Os adeptos da teologia de William Marrion Branham são denominados como os seguidores da Mensagem.⁴⁸

⁴⁷ BLUMHOFER, Edith L. *Aimee Semple McPherson: Everybody's Sister*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993. p. 186.

⁴⁸ BURGESS, 2011, p. 1140-1141.



William Marrion Branham é talvez o personagem mais fácil de associar diretamente com a KKK entre os analisados. John Andrew Collins, em sua obra *Preacher Behind The White Hoods*, apresenta uma visão crítica da teologia de Branham. A relação de Branham com a Klan começou antes mesmo de ele se tornar pregador. Ele era grato pelo pagamento que membros da Klan haviam feito por uma cirurgia após um acidente que sofreu enquanto trabalhava. Collins insinua que, quando Branham tinha 16 anos, a Klan havia patrocinado uma quantia em dinheiro para que ele comprasse um carro. Além disso, William Marrion Branham participou e foi batizado na igreja de Roy Davis, membro fundador da segunda Klan e futuro Mago Imperial Nacional, a mais alta posição na KKK.⁴⁹ Percebe-se, portanto, que, antes de existir uma aproximação com a Klan em termos de concordância de ideias, no caso de William Marrion Branham, existia uma aproximação de gratidão. No site *Church Ages*, há um texto em defesa de Branham que argumenta que, embora a Klan tivesse um histórico ruim de ódio racial, pelo fato de ela ter pago pela operação hospitalar de Branham, "sua bondade tornou impossível" que ele condenasse abertamente a organização. Ao comentar sobre o pastoreio de Roy Davis, menciona-se que Branham se distanciou do pastor porque este lhe havia pedido para ordenar uma mulher, sem mencionar o afastamento devido à participação de Davis na KKK.⁵⁰

O artigo em defesa de William Marrion Branham afirma que ele nunca foi contra o casamento interracial. No entanto, no mesmo site, há um texto intitulado "Condemnation by Representation", escrito por Branham, que apresenta uma posição totalmente contrária. Neste sermão de 1960, período em que a terceira Klan já estava ativa, Branham faz declarações que contradizem a defesa apresentada no artigo.

Hibridação. Hibridação. Ah, que terrível! Hibridação. Eles hibridizam o povo. Nova York, o grande caldeirão. Tenho centenas de preciosos amigos de cor que são cristãos nascidos de novo. Mas nesta linha de segregações e coisas que eles estão falando, hibridando o povo, diga-me que mulher de cor, bem culta e cristã, gostaria que seu filho fosse mulato e nascido de um homem branco? Não, senhor! Não está certo! Que mulher branca

⁴⁹ COLLINS, John Andrew. *Preacher Behind the White Hoods: A Critical Examination of William Branham and His Message*. [S.l.]: Dark Mystery Publications, 2020. p. 50.

⁵⁰ CHURCH AGES. *Klu Klux Klan, Freemasons, and Brother Branham*. 04 fev. 2023. Disponível em: <https://churchages.net/en/study/klu-klux-klan-freemasons-and-brother-branham/>. Acesso em: 23 mai. 2024.



gostaria que seu filho fosse mulato de um homem de cor? Deus nos fez o que somos; vamos ficar o que Deus nos fez! Eu acredito que está certo.⁵¹

No mesmo texto, Branham questiona: “Que mulher gostaria de ter um filho mulato?”. Em outro sermão intitulado *Quem dizeis ser este?*, de 27 de dezembro de 1964, pregado no Arizona, Branham mostra-se crítico ao trabalho de Martin Luther King Jr., provavelmente no contexto da luta contra a segregação no Sul dos EUA, dizendo que o pregador faria com que seu movimento levasse seu povo a um derramamento de sangue e massacre. Para Branham, a estratégia de King Jr. era comunista e somente Deus poderia trazer a salvação e a unidade, não as ações políticas ou movimentos sociais. Durante a década de 60, Branham foi um crítico dos movimentos sociais e do comunismo, o que o coloca dentro do contexto da Guerra Fria e da ascensão do movimento de liberdade das mulheres e da população negra. Portanto, a aproximação de Branham com a KKK não se deu apenas em relação à ideia da supremacia branca em relação às outras raças, mas também à importância que ele atribuía à defesa da nação estadunidense contra o comunismo, em um contexto de Guerra Fria.

Considerações Finais

Neste trabalho, analisamos as relações entre lideranças pentecostais brancas e a Ku Klux Klan nos EUA, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Selecionamos três figuras específicas para nosso estudo: Charles Fox Parham, Aimee Semple McPherson e William Marrion Branham. Cada um trouxe contribuições específicas ao pentecostalismo e são referências para milhares de pentecostais em diversos ramos do movimento. No entanto, apesar de suas influências, suas imagens foram manchadas devido à relação com este movimento de supremacia branca estadunidense.

A relação que cada um desses personagens teve com a KKK ocorreu por motivos variados. Nem sempre essas relações foram motivadas por racismo explícito, mas também estavam relacionadas ao complexo contexto de defesa político, social e cultural da nação americana, conforme esses líderes a percebiam. Eles buscavam preservar uma visão idealizada da nação

⁵¹ BRANHAM, William Marrion. *Condemnation by Representation*. Church Age, 1960. Disponível em: <https://churchages.net/en/sermon/branham/60-1113-condemnation-by-representation/>. Acesso em: 23 mai. 2024.



americana, que acreditavam estar sob ameaça de modernismos e influências externas consideradas degradantes. Os perigos inerentes à nação, segundo essas lideranças, estavam relacionados ao comunismo, ao modernismo, à secularização e ao abandono do mundo rural.

Além da relação estrita com a KKK, essas lideranças pentecostais também falharam em se posicionar firmemente contra o racismo. Enquanto homens como William Seymour revolucionaram a forma de fazer religião nos EUA, as três lideranças citadas protagonizaram uma atitude ambígua, pregando para negros, mas sem promover um ideal de libertação do racismo. Como o leitor pode imaginar, muitas dessas informações não são amplamente conhecidas no Brasil ou foram tratadas de maneira sensacionalista.

Não devemos, por outro lado, julgar todo o pentecostalismo como racista por conta do apoio dessas lideranças a movimentos racistas. No caso de Aimee, por exemplo, não é possível desconsiderar sua contribuição como mulher líder do movimento pentecostal. Ao tratarmos o pentecostalismo – ou qualquer outro movimento – por sua perspectiva histórica, de maneira isenta de paixões, percebemos que as relações reais são complexas e que, por vezes, os personagens são contraditórios em suas ações. O que o pentecostalismo hoje precisa fazer é ser uma voz profética – como tanto gostam de afirmar – contra qualquer tipo de discriminação que venha a ferir a dignidade humana, sendo o racismo, em nossa opinião, a pior delas.

Referências

BLUMHOFER, Edith L. *Aimee Semple McPherson: Everybody's Sister*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993.

CAMPNEY, Brent M. S. *This is not Dixie: racist violence in Kansas, 1861–1927*. Urbana: University of Illinois Press, 2015.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i67p100-115. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13458>. Acesso em: 16 abr. 2024.

CHURCH AGES. *Klu Klux Klan, Freemasons, and brother Branham*. 04 fev. 2023. Disponível em: <https://churchages.net/en/study/klu-klux-klan-freemasons-and-brother-branham/>. Acesso em: 23 mai. 2024.



- COLLINS, John Andrew. *Preacher Behind the White Hoods: A Critical Examination of William Branham and His Message*. [S.l.]: Dark Mystery Publications, 2020.
- FORSELL, G. Blood. *Cross and Flag: The Influence of Race on Ku Klux Klan Theology in the 1920s. Politics, Religion & Ideology*, v. 21, n. 3, p. 269-287, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21567689.2020.1809384>. Acesso em: 16 mai. 2024.
- FREMON, David K. *The Jim Crow Laws and Racism in American History*. Berkeley Heights, NJ: Enslow Publishers, 2000.
- GOFF, James. *Fields White Unto Harvest: Charles F. Parham and the Missionary Origins of Pentecostalism*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1988.
- HUNTER, Harold D. *The Limited Impact of Pentecostal Interracialism on Systemic Racism in the USA. Spiritus*, v. 6, n. 1, p. 123-140, 2021. Disponível em: <http://digitalshowcase.oru.edu/spiritus/>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.
- LEE, Chang-Soung. *Two Theological Battle Lines of Early Pentecostal Leaders, Charles F. Parham and William H. Durham. Journal of Youngsan*, v. 33, p. 71-98, 2015.
- LEE, Chang-Soung. *Who is the Father of Pentecostal Movement? Journal of Youngsan Theology*, v. 43, p. 303-354, 2018.
- MACROBERT, Iain. *The black roots and white racism of early pentecostalism in the USA*. 1. ed. Basingstoke, Hampshire: The Macmillan Press Ltd, 1988.
- MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*, ano 8, p. 68-95, dez. 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/. Acesso em: 22 abr. 2024.
- MARTIN, Larry. *Charles Fox Parham: The Unlikely Father of Modern Pentecostalism*. Whitaker House, 2022.
- PARHAM, Charles Fox. *A Voice Crying in The Wilderness*. Missouri: Joplin Printing Cooperation, 1910.
- POGGI, Tatiana. *Faces do extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América (1970-2010)*. 2012. 437 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.



- ROOT, Jonathan B. *A People's Religion: The Populist Impulse in Early Kansas Pentecostalism, 1901-1904*. 2009. Tese (Mestrado em Artes) - Department of History, College of Arts and Sciences, Kansas State University, Manhattan, Kansas, 2009.
- SCHRAD, Mark Lawrence. *Smashing the Liquor Machine: A Global History of Prohibition*. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2021.
- SILVA, Gilliard Antonio Pereira da. A “Era de Laodicéia”: o conservadorismo de William Branham e a sociedade americana pós Segunda Guerra Mundial. 2017. Monografia (Graduação em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- SUTTON, Matthew Avery. *Aimee Semple McPherson and the Resurrection of Christian America*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- SYNAN, Vinson; FOX JR., Charles R. *William J. Seymour: Pioneer of the Azusa Street Revival*. Alachua, FL: Bridge-Logos, 2012.
- WADE, Wyn Craig. *The Fiery Cross: The Ku Klux Klan in America*. Oxford: Oxford University Press, 1998.